

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Outubro de 2020

SUMÁRIO

EMPREGO, RENDA E CONSUMO ATUAIS.....	2
PERSPECTIVA PROFISSIONAL	4
ACESSO AO CRÉDITO	4
PERSPECTIVA DE CONSUMO.....	5
MOMENTO PARA DURÁVEIS	6
CONCLUSÃO	7
METODOLOGIA	9

Intenção de Consumo das famílias catarinenses não reage e segue em retração pelo sétimo mês consecutivo, atingindo baixa histórica

O indicador ficou em 63,9 pontos numa escala de 0 a 200

INDICADOR	Out/20	VARIAÇÃO MENSAL	VARIAÇÃO ANUAL
Emprego Atual	78,1	-7,6%	-39,6%
Perspectiva Profissional	71,3	-10,2%	-33,3%
Renda Atual	87,2	-8,1%	-48,0%
Acesso ao Crédito	64,6	-0,6%	-28,0%
Nível de Consumo Atual	48,0	-13,3%	-39,2%
Perspectiva de consumo	62,3	-7,7%	-39,5%
Momento para duráveis	36,0	-13,9%	-40,2%
ICF	63,9	-8,4%	-52,5%

EMPREGO, RENDA E CONSUMO ATUAIS

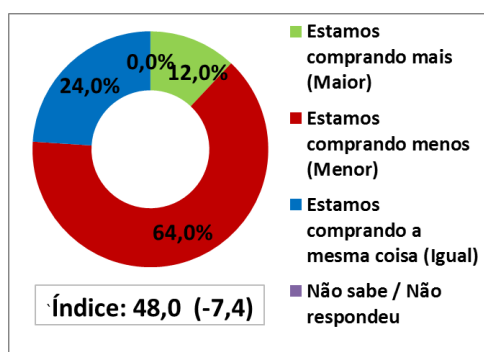
A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual, quanto as expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo em Santa Catarina. Também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM). Os três indicadores referentes às condições atuais demonstram que o impacto da crise e pandemia sobre os consumidores ocorreu de maneira mais intensa a partir de abril (coleta dos dados ao final do mês precedente).

O indicador do nível de consumo atual encontra-se 39,5% menor que o mesmo mês do ano passado e cada vez mais consumidores relatam estarem comprando menos do que antes (em outubro, 64% dos entrevistados). As perdas aceleraram-se neste e em vários outros indicadores de consumo do ICF em outubro. A renda atual é o indicador menos impactado desde o início da pandemia, com redução anual de 28,0%, caindo para 87,2 pontos (na escala de 0 a 200).

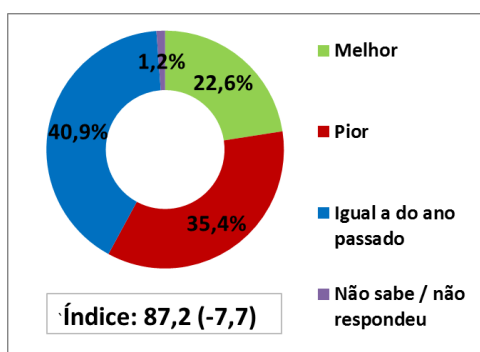
No mês anterior era o único indicador com componente que ainda se encontrava em patamar favorável (Renda Atual das faixas acima de 10 SM) – as perdas de renda voltaram a acelerar em Outubro, principalmente nas faixas abaixo de 10 SM, o que também pode estar colateralmente relacionado à redução de 50% do Auxílio Emergencial e também pressões inflacionárias que reduzem o poder de compra e pioram percepção sobre a renda atual. Por fim, o indicador acerca do Emprego Atual continuou a cair (7,6%) após leve desaceleração em setembro, atingindo a 78,1 pontos – 42,1% dos entrevistados relatam estarem menos seguros em relação ao seu emprego e aqueles que relataram estarem desempregados subiu de 8,7% para 9,3%. Mesmo assim, a retração anual do emprego atual (-33,3%) é menor do que observado no indicador de consumo.

Os três indicadores da situação atual referente à intenção de consumo se encontram no seu patamar mais baixo da séria histórica iniciada em janeiro de 2010.

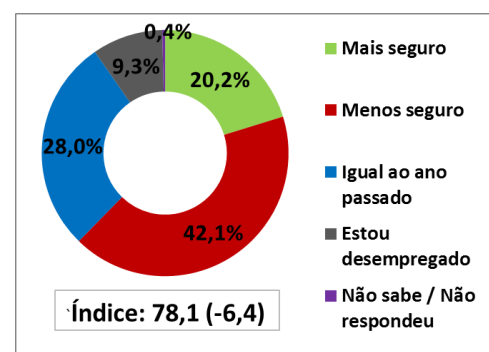
Nível de Consumo Atual

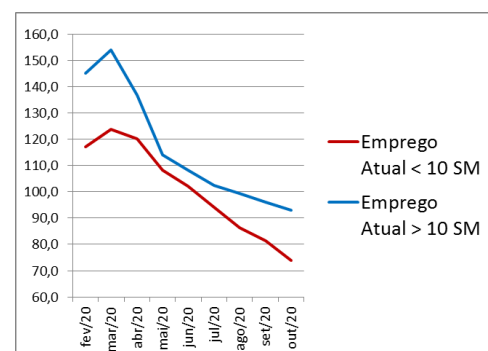
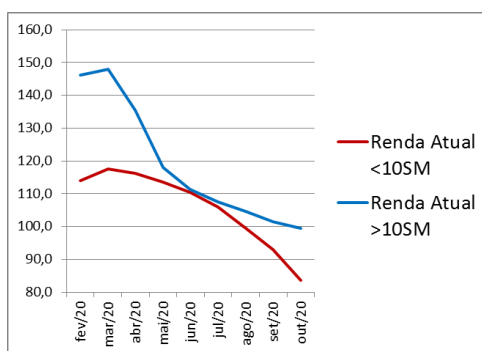
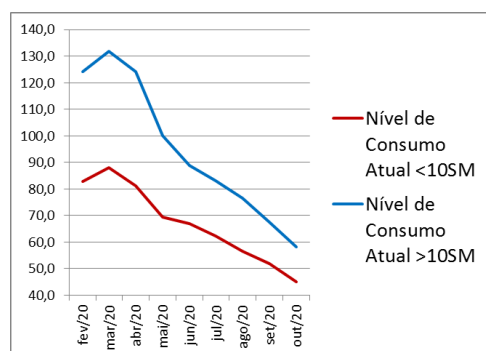


Renda Atual



Emprego Atual





É interessante analisar que o impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, de maneira que as faixas superiores de renda mantiveram-se em nível sustentadamente maior do que as faixas menores, o que agora parece mudar com a aceleração das perdas nos níveis de consumo das faixas de renda mais altas. O mesmo, porém, não se verifica em relação à renda e emprego atuais, no qual o impacto inicial ocorreu de maneira proporcionalmente mais intensa para famílias de maior renda, de maneira que houve uma convergência das faixas de renda para esses indicadores nos primeiros meses, que agora voltam a divergir na medida em que as perdas se agravam para rendas abaixo de 10 SM, enquanto o ritmo se mantém mais estável para as faixas acima.

Emprego Atual	até 10sm - %	mais de 10sm - %
Mais seguro	21,5	15,7
Menos seguro	47,7	22,7
Igual ao ano passado	18,7	60,1
Estou desempregado	11,5	1,5
Não sabe / Não respondeu	0,5	0,0
Índice	73,8	92,9

Renda Atual	até 10sm - %	mais de 10sm - %
Melhor	24,1	17,2
Pior	40,5	17,7
Igual a do ano passado	34,1	64,1
Não sabe / não respondeu	1,2	1,0
Índice	83,6	99,5

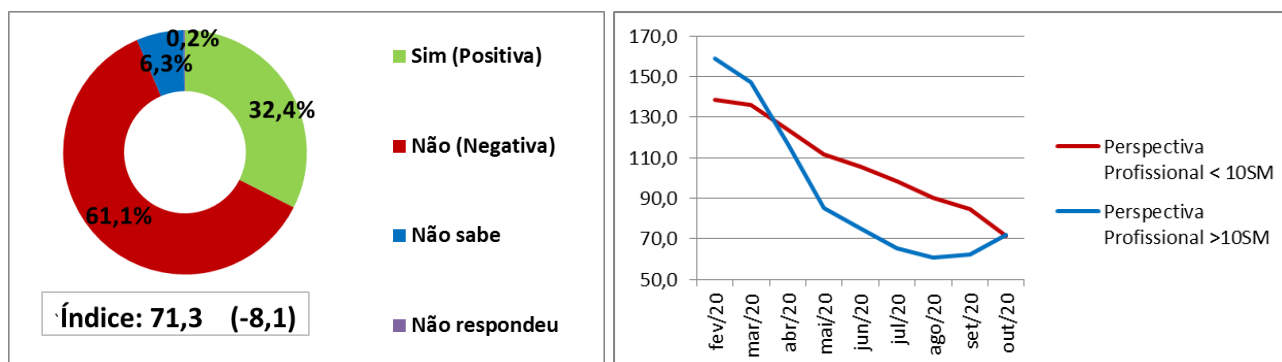
Ao analisar a distribuição das respostas segundo a renda, também se percebe que a redução mais abrupta dos indicadores para as faixas superiores ocorre predominantemente por um incremento substancial naqueles que permanecem em situação “igual a do ano passado”, com redução daqueles que estariam “melhores”. A dinâmica de redução para as faixas de renda abaixo de 10 salários mínimos, por sua vez, caracteriza-se predominantemente pelo incremento de respostas sobre a piora da renda e menos segurança no emprego, processo que também explica o retorno de trajetórias divergentes entre as faixas de renda nos últimos meses da pesquisa.

PERSPECTIVA PROFISSIONAL

No mês anterior, o indicador de perspectiva profissional apresentava uma desaceleração significativa de sua queda na variação mensal, com redução de 4,8%, já outubro a queda voltou a acelerar caindo 10,2%, o que leva o acumulado anual à retração de 48,0% - é o segundo indicador mais impactado, atrás apenas do Momento para Duráveis. O que novamente reflete a piora do mercado de trabalho, não apenas em suas condições atuais, mas também nas expectativas futuras dos consumidores. Permaneceu a tendência de crescimento daqueles que consideram suas perspectivas profissionais como negativas, avançando ainda mais que a metade dos entrevistados e chegando a 61,1%, superando em 28,7 pontos percentuais as perspectivas positivas – aqueles que informaram não saber permaneceram praticamente estáveis em 6,3%.

Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 salários mínimos foi duramente impactada, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos), o que pode estar relacionado a uma maior sensibilidade relativa das atividades profissionais dessas faixas de renda, como também por assimetrias de informação. Após tais faixas de renda superiores iniciarem uma recuperação das perspectivas profissionais, houve aceleração dessa recuperação em Outubro (+14,9%), o que fez com que tais perspectivas voltassem a ultrapassar aquelas das faixas de renda até 10 SM, que apresentaram aceleração de suas perdas (-15,6%), com movimentos praticamente opostos. Trata-se do único componente (perspectiva profissional acima de 10 SM) com variação positiva entre todos os considerados na pesquisa.

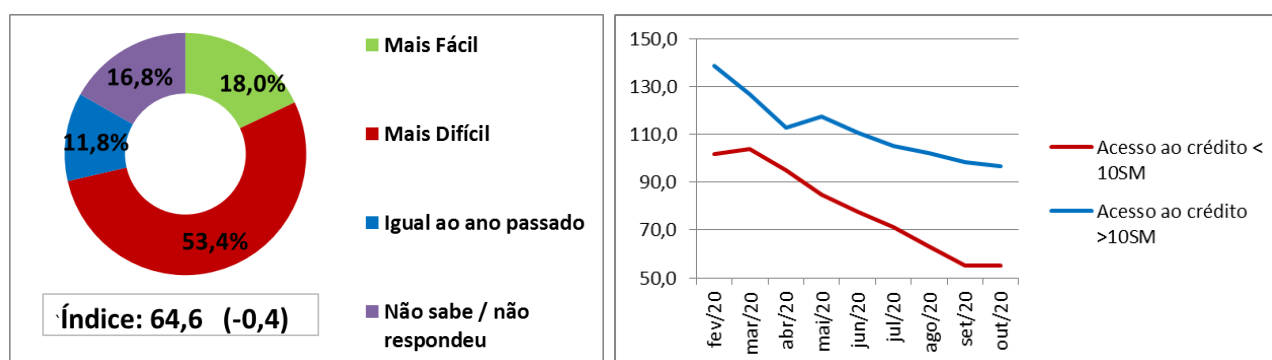
O indicador como um todo se encontra em 71,3 pontos. Isso significa que a maioria dos catarinenses continuam a aprofundar o pessimismo em relação à sua perspectiva profissional, o que certamente influencia as decisões de consumo das famílias.



ACESSO AO CRÉDITO

O indicador de compra a prazo e acesso ao crédito apresentou maior estabilidade em outubro, ainda que continue a acumular perdas. Na comparação anual, o resultado negativo chegou a -39,2%. Em termos absolutos, o índice avançou ainda mais abaixo dos 100 pontos, expressando um resultado negativo e fechou outubro com 64,6 pontos, o valor mais baixo da série histórica.

Mais da metade dos consumidores passaram a considerar o acesso ao crédito mais difícil do que fácil (no total 53,4% contra 18,0%) em Outubro, o que indicou um avanço nos dois sentidos devido a uma redução de 19,8% para 16,8% (em Agosto era 24,1%) o que também parece indicar um crescimento acelerado da busca por crédito por parte dos consumidores, que passam a encontrar dificuldades crescentes, ainda que tal nível tenha apresentado maior estabilidade agora em Outubro. Considerando o recorte de faixa de renda as famílias com renda superior a 10 SM ultrapassaram em Setembro o limiar que passa a considerar desfavorável o acesso ao crédito, mas foram impactadas de maneira menos grave que as faixas abaixo de 10 SM, que apresentaram deterioração mais rápida e intensa.

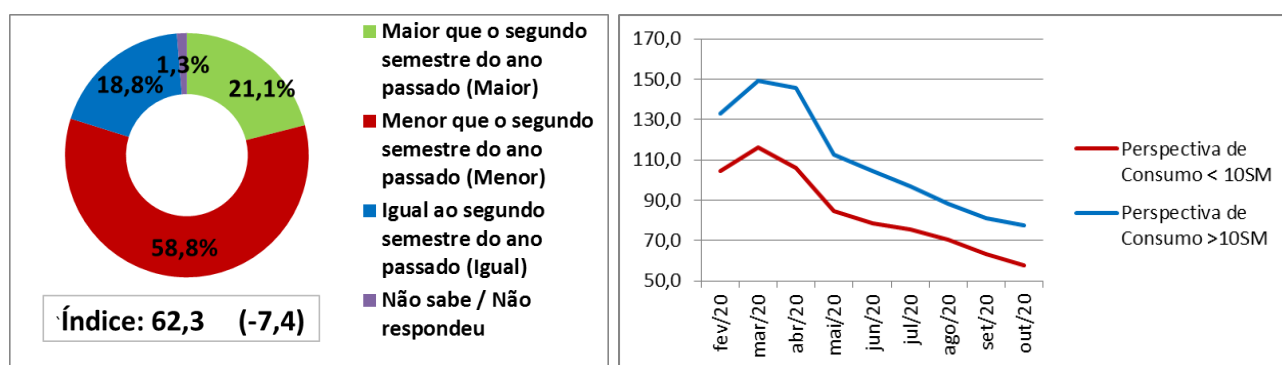


PERSPECTIVA DE CONSUMO

A perspectiva de consumo das famílias catarinenses caiu 7,7% no mês, desacelerando ligeiramente a piora das perspectivas. Já na comparação com o mesmo mês do ano passado, a baixa é de 40,2%, o terceiro indicador mais afetado atrás da perspectiva profissional e momento para duráveis. Isso faz com que as perspectivas de consumo aprofundem um patamar considerado negativo – aos 64,6 pontos esse nível começa a apresentar maiores riscos futuros, pois a trajetória crescentemente pessimista pode persistir por diversos meses, como foi observado durante a crise de 2016 que chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de 2014. A diferença nesta vez é que as perspectivas de consumo não anteciparam as perdas no nível atual, mas ao contrário as acompanharam, e sua velocidade de queda é mais rápida e constante do que a observada na crise anterior.

O impacto da pandemia se distribuiu de maneira similar entre as faixas de renda no que diz respeito ao consumo, guardadas as devidas proporções. Dessa maneira as perspectivas reproduzem padrão semelhante ao do próprio nível de consumo, apresentando tendência de baixa, mas mantendo também a diferença de patamar entre as duas faixas de renda analisadas. Essa deterioração, como já levantado anteriormente tem significados qualitativamente diversos para as duas faixas, sendo mais associada a uma piora absoluta das perspectivas para faixas menores e a uma “estagnação relativa” das perspectivas nas faixas maiores.

Tal resultado demonstra um maior pessimismo em relação ao consumo, com mais da metade (58,8%) dos entrevistados prevendo um menor consumo em relação ao segundo semestre do ano passado, como pode ser visto em maior detalhe abaixo no percentual das respostas:

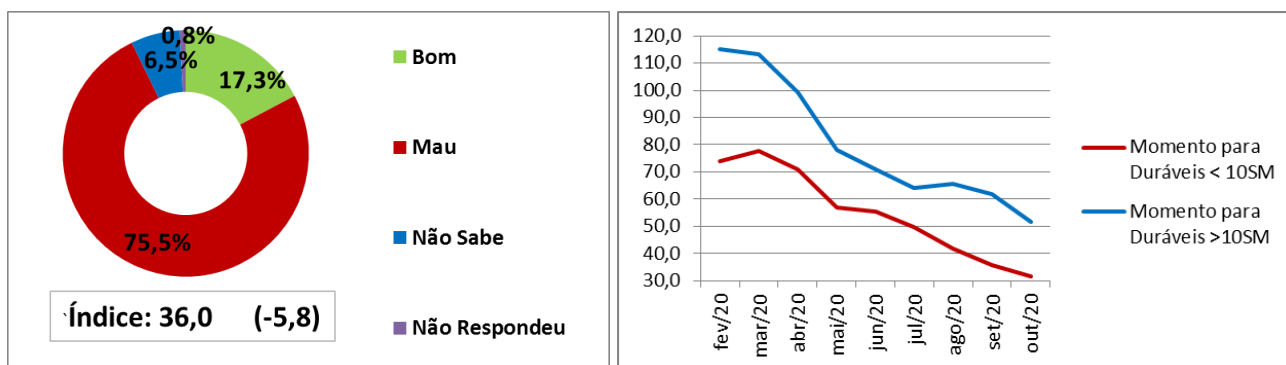


MOMENTO PARA DURÁVEIS

O momento para duráveis caiu -13,9% na passagem de Setembro a Outubro e segue sendo o indicador mais impactado pela crise, além de continuar a acelerar suas perdas desde Julho. No contexto anual, a variação foi de -52,2%. Em termos absolutos, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 46 meses seguidos, o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia. O indicador está atualmente em 36,8 pontos, uma baixa recorde pelo terceiro mês consecutivo considerando a série histórica iniciada em 2010, e nível considerado muito preocupante em termos absolutos.

O atual movimento amplamente pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática, assim como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos, o que gera um grande desequilíbrio entre os segmentos do comércio referente à sua durabilidade, com impactos seríssimos nas cadeias produtivas. O impacto ocorreu de maneira mais intensa sobre as faixas de renda mais altas, que antes se encontravam em patamar considerado favorável (acima de 110 pontos), de maneira que inicialmente convergiram com as faixas menores. Em Agosto essa foi a primeira variação positiva dentre todos os componentes desta pesquisa desde o início da pandemia, que ocorreu justamente nas faixas de renda superiores em

relação aos bens de consumo duráveis, crescendo 2,9%. Em Setembro voltou a cair 5,9% e agora em Outubro houve ainda maior aceleração nas perdas que chegaram a cair 16,8% na comparação com o mês anterior, o problema porém é mais grave nas faixas de renda até 10 SM, que registraram queda de 14,4% em Setembro e caíram -12,4% em Outubro, uma ligeira desaceleração em relação ao mês anterior, mas que leva o patamar para níveis absolutos muito preocupantes.



A Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE) demonstrou continuidade da recuperação do segmento de móveis e eletrodomésticos em Agosto, ampliando uma variação positiva no acumulado de 2020, o que apresenta um quadro surpreendente frente à avaliação crescente dos consumidores de ser um momento cada vez pior para aquisição de duráveis. Ainda assim, considerando a queda no volume de vendas de veículos, e ao comparar a diferença entre a receita nominal (4,0%) e o volume de vendas (7,7%) acumulado, pode se inferir que está havendo preferência por tickets menores e há pressões deflacionárias (o que também é corroborado pela formação de estoques no setor conforme pesquisa ICEC) que podem levar a situações de promoção e liquidação que incentivam o consumo mesmo em momento adverso. O recorte por faixa de renda também indica que tal resultado positivo é puxado por consumidores com maior remuneração.

CONCLUSÃO

A intenção de consumo do consumidor catarinense (ICF-SC) de Outubro de 2020 continua a apresentar queda considerável e acelerada em relação ao mês anterior, atingindo o patamar mais baixo de toda a série histórica iniciada em 2010. O indicador geral caiu -8,4% em Outubro, após amargar queda de -7,5% no mês anterior. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, houve queda de -39,6%, chegando a 63,9 pontos, valor avaliado como de viés consideravelmente pessimista. Todos os indicadores continuam a aprofundar a tendência negativa iniciada em Abril, excetuando-se a perspectiva profissional das faixas de renda acima de 10 SM. Nenhum indicador ainda se mantém em patamar considerado favorável (acima de 100 pontos).

Esse resultado contrasta com os resultados positivos averiguados pela Pesquisa Mensal do Comércio realizada pelo IBGE nos meses anteriores, que apontam para ampliação da retomada no volume de vendas em Santa Catarina. Neste momento, as medidas mais importantes para conter a queda no consumo, do ponto de vista estritamente econômico, continuam a serem as políticas de manutenção do emprego e da renda, assim como medidas de ampliação do crédito que possibilitem reduzir taxas de juros e risco de inadimplência. A adoção enfática, na proporção e rapidez necessárias, de tais medidas pode minimizar, e tem minimizado, significativamente a deterioração das capacidades de consumo.

A perspectiva de consumo, indicador fundamentado em expectativas, apresentou continuidade de sua variação negativa ainda que levemente desacelerada. A perspectiva profissional, outro componente relacionado ao futuro, apresentou uma aceleração significativa de suas perdas, especialmente devido à deterioração considerável dessas perspectivas nas faixas de renda até 10 SM, ainda que o movimento seja oposto nas faixas de renda acima.

A redução de 50% do Auxílio Emergencial também representa um impacto negativo do ponto de vista do poder de compra de consumidores mais vulneráveis, apesar de Santa Catarina ser o estado com menor proporção na utilização do programa (24,1% dos domicílios segundo a PNAD Covid19 de Setembro), os valores injetados na economia catarinense entre Abril e Agosto representaram quase 4 bilhões de reais, segundo o Portal da Transparência, o que foi suficiente para recompor as perdas salariais estimadas devido à impossibilidade de trabalhar, demissões, reduções e suspensões contratuais, processo que passará a ser revertido na medida em que os níveis de ocupação retomados entre junho e setembro (+60.825) ainda estão muito aquém das perdas no emprego formal entre março e maio (-109.214). Processo que pode ser amenizado e superado na medida em que a aceleração da retomada no mercado de trabalho se consolidar nos próximos meses.

Por fim, se destaca no presente o péssimo momento para bens duráveis com contínuo viés de piora, o que o está levando tal indicador a níveis historicamente baixos. Houve também um retorno mais acentuado de trajetórias convergentes entre as duas faixas de renda consideradas (>10 e <10 SM), o que indica maiores perdas nas intenções das faixas de renda superiores, e estabilização das faixas de renda inferiores. Esse processo desigual pode levar a problemas setoriais e também relacionado ao porte de empresa, na medida em que dependerem de maior consumo em volume para tickets médios menores.

Dessa maneira, junto às políticas direcionadas à garantia do emprego e renda para resguardar as intenções gerais de consumo, devem ser consideradas também linhas de crédito especiais e estímulos fiscais apropriados, focalizadas nos consumidores, especialmente de faixas de renda mais baixas, para reativação dos segmentos de duráveis e semiduráveis, que possui grande potencial econômico encadeador e já demonstrou

sinais de retomada segundo as últimas Pesquisas Mensais do Comércio do IBGE, assim como de sua produção industrial.

METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semiamplicitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.